

ECOS DE GACIA

REDACTOR (Em Lisboa)
Anibal Cruz

Representantes em Lisboa, F. da Foz, Aveiro, Fermentões, Eixo, Q. do Gato, Bonsucesso, Esgueira, Matadinhos, Av. nca, Estarreja, Canelas e Angeja.

SEMANÁRIO INDEPENDENTE, DEFENSOR DOS INTERESSES DA REGIÃO DO VOUGA

Fundador: J. J. NUNES DA SILVA

Redactor principal: **A. NUNES DA SILVA**

Depois do pão a Educação é a primeira necessidade do Homem. Danton.

ASSINATURA	Proprietário-Director e Administrador José Marques Damião	Redactor e Editor Abillo de Carvalho	REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFFICINAS Rua da Paz--QUINTÃ DE LOUREIRO (GACIA)
Ano, série de 50 números 20\$00	Filiado no SINDICATO DA P. IMPRENSA E L. REGIONAL	o MAIS DESENVOLVIDO NOTICIÁRIO DE TODAS AS TERRAS DA REGIAO	Não se accitam originaes contra a vida particular de qualquer individuo
Semestre, série de 25 números 10\$00			
Estrangeiro, ano 50 números 50\$00			
Brazil e Colonias 30\$00			

Inocente pergunta

A rua Marquês de Pombal está de tal forma intransitável que, francamente, quando chove, embora pouco, não sei como ir para a escola.

Por mais duma vez tenho incomodado a familia do sr. António Euzébio Pereira, pedindo-lhe uma táboa a-fim-de improvisar uma ponte. Não posso, contudo, continuar a fazê-lo, porque não são meus criados.

Pergunto, então: terei de arranjar um gerico, bicilete, bateira ou umas "andas" (pernas de pau) como usam fazer os garotos?

Optava pelo gerico; mas, se êle fôr como o do José do Rêgo, nunca passa para a outra margem!!

De qualquer das formas vou fazer um visião!!
Que escolher, pois?

E. Portela.

Noticias do Bonsucesso

Deu à luz, há dias, uma robusta criança do sexo feminino, a esposa do nosso ex.º amigo sr. dr. Ernesto Nunes de Paiva, distinto clínico e estimado assinante deste jornal.

A recém-nascida auguramos um futuro de felicidades, e a seus ex.ºs pais, enviamos sinceros parabens.

— Após seis meses de visita a sua familia, retirou-se para Kinchassa (Congo-Belga), o nosso amigo sr. Manuel dos Santos Madail.

Que tenha feliz viagem.
— A ex.ª Câmara de Ilhavo lembramos o estado lastimoso em que se encontra a estrada que liga esta localidade àquella importante vila, pois que se encontra intransitável, prejudicando deveras, assim, os habitantes desta terra que já não podem passar por ali com os seus carros, pelo que se vêm obrigados a fazê-lo pelas propriedades particulares situadas nas margens da referida estrada.

— Com 82 anos de idade faleceu, há dias, a sr.ª Maria de Jesú Neta.

Mario de Matos.

Padaria

TRESPASSA-SE, no centro da Baixa, com uma boa coz-dura. Para tratar: Manuel de Souza—Largo da Constituição — Leiria

MANUEL DE VILHENA
Advogado
Rocio AVEIRO

Adeusinho, até mais vêr...

(DE RAÚL CONDE.)

Vão assistir à décima partida (passado um quarteirão já de má vida) do que procura, em vão, sorte e repouso as margens lindas, tôdas poesia, tão cheias de beleza e de magia, do Vouga sonolento e preguiçoso.

Adeus, ó jornalistas de pataco, de sangue molanqueiro, chôcho e fraco! De vós todos que não tendes vergonha — eméritos burrões que não sabeis o que dizem os vossos maus papeis e onde tendes a suja carantonha —

Me despeço, com nójo, cheio de tédio, por não ter com quem fale um pouco a sério, no meio desta estupenda pasmaceira... Vinde, vós jornalistas de verdade, correr êstes marôtos co' uma pá, qual da lenda a histórica padeira.

Adeus, sorriso ingénuo do Carvalho! Adeus, que vou partir para o trabalho porque a minha missão está cumprida: — Um, doido, desarranjou-se-lhe a pinha; o outro aprender melhor foi a "caixinha" e a ganhar mais honestamente a vida!

Adeus, meus jornalistas de cabaz: Vou dar tréguas e deixar-vos em paz remoendo a má côdea e os rijões... Não vos posso, não, mais vêr estragar papel que se devia aproveitar para embrulhar gostosos, bons pimpões!

De novos horizontes busco a luz, cego p'lo resplendor que me seduz e a lutar humaníssimo me afoita... já que o mundo tão tórto e sem um guia foge aos clarões magníficos do dia e na cerrada escuridão se acolta!

O oficial no sertão de Angola

(Conferência realizada em Vizeu pelo capitão sr. Celestino B. da Silva).

(Continuação do n.º 52)

Porém, e apesar de tudo quanto de favorável nos parecesse, os direitos de Portugal sobre a restante parte das terras daquêle poderoso potentado, aquem Cassai, que hoje nos pertence, incorporada no distrito da Lunda e limitada pela Associação Internacional, não se encontravam, pelas condições estipuladas nos tratados como definitivamente estabelecidos, visto que entre o novo Congo Belga e Angola haveria os limites naturais, como fronteira, que a occupação militar marcasse nos territórios rebeldes dos dois Estados, até 1915.

Assim, desde 1890 e atenta a circunstância do gentio insubmisso se encontrar — mercê do comércio livre armado de espingardas e bem municiado de pólvora, o problema da infiltração armada, para o interior, que deveria estabelecer a nossa autoridade efectiva sobre a região hipotética do Cassai, constituiu uma preocupação constante dos governadores gerais embora ficasse para mais tarde a pacificação das zonas rebeldes deixadas à rectaguarda, pois era ali, no Cassai, onde o território da Província podia sofrer ainda mais amputações.

O distrito da Lunda, até aí impenetrável e misterioso na parte compreendida entre os rios Cuango e Cassai, dentro dos seus actuaes limites, começa a abrir, renitente e desconfiado, por vezes tra-

(Continua no prox. n.º)

Cont. n. da nota publicada no n.º 52. — rado régulo português do território da Província de Moçambique.

Convém notar que êste relato friza o caso de, no acto preciso do aprovisionamento, ter sido reconhecido por alguns officiaes ingleses, "que estavam prendendo tropas armadas que legitimamente permaneciam em território nacional.

"E foi assim — concluia a narrativa inglesa — que nós conquistamos o território de Michona aos portugueses".

Os mistérios da Região focados pelo jornalista Raúl Conde em o seu novo livro

L
A
M
A

despertaram uma enorme ansiedade no público pelo que se está fazendo a publicação, em tomos, do referido livro

CHAMAMOS a atenção do leitor para o artigo "Ao correr da pena..." que publicamos na 2.ª página.

Tambem chamamos a sua esclarecida atenção para os anuncios que publicamos na 3.ª e 4.ª página.

NOTICIAS DA NOSSA TERRA

De Mataduchos - Alumieira

Reclamando da C. P. — Muitos são os individuos que têm sido vítimas dos célebres pedregulhos que se encontram dos lados das cancelas do passo nível de Mataduchos, aos Arneiros. No dia 3 do corrente houve novo desastre. O sr. João Ferreira Leal, escrivão dum tribunal de Lisboa foi vítima das malditas pedras quando se dirigia num automóvel para a estação de Aveiro.

Pedem-se providências. **Diversas noticias.** — Retirou-se para a Figueira da Foz o sr. José Marques da Cunha que veio assistir ao funeral de seu pai.

— Está cá o sr. António Lopes.

— Também vimos aqui há dias o sr. José de Castro, de Coimbra.

— Fez anos, no dia 7, o sr. António da Silva Forte, 2.º sargento.

— No dia 8 também passou o aniversário natalício do sr. Joaquim Calado Bastos, de Lisboa.

— Em 20 também faz anos o sr. Germano Soares Lopes ausente no Rio de Janeiro.

Parabens aos aniversariantes.

— Há dias deu à luz uma criança do sexo masculino a sr.ª Laurinda M. da Silva, esposa do sr. Afonso da Silva, comerciante.

— Depois de prolongado sofrimento faleceu na madrugada do dia 8, pela 1 hora, com a idade de 52 anos, a sr.ª Maria de Jesús, esposa do sr. João Simões Instrumento, comerciante.

Ao funeral que foi dirigido pela Agencia Capela de Angeja assistiu muito povo, incorporando-se também várias irmandades. Foram oferecidas algumas corôas com sentidas dedicatórias. Conduziu a chave do ataúde o sr. Manuel Ferreira.

As nossas condolências.

— Encontra-se gravemente enfermo o sr. Manuel Rodrigues da Maia Junqueiro. Desejamos as melhoras.

— Conforme noticiamos, realizou-se no último domingo uma corrida de bicicletas tendo sido o 1.º prémio conferido a Manuel M. de M. (Beato) e o 2.º a Luís Moreira, como chegassem 2 concorrentes em 3.º lugar ficou aprasada uma nova corrida para o dia de Sta. Luzia.

VISITAS

Deram-nos a honra das suas estimadas visitas, no domingo pp., a ex.ª sr.ª D. Elvira Portela, dig.ª professora oficial, e os srs. Octávio António da Costa, Luís Lemos e Aníbal Simões Pinto.

Agradecemos a gentileza.

De Avanca

Conforme prometi a semana passada, continuo a relatar no presente, a conversa que tive aqui há dias com uma pessoa das minhas relações.

Ora então vamos lá: A segunda excursão — a do Furadouro — pelo que dizem também foi boa; pelo menos gosaram a valer.

Ora aqui tem trocado em miudos o resultado do sucedido no célebre domingo.

— Não sabe também outra novidade?

Vai ser inaugurada no próximo dia 18 a luz electrica em Avanca; para assistir à festa já está contratada a banda do Abilinho.

Para a semana conservaremos mais.

São boas horas. Adeus meu bom amigo.

Da Barra

Entraram hoje na nossa barra os barcos desta praça: «Vaz» e «Rainha Santa» comandados, o 1.º pelo sr.

Candido Vaz e o 2.º pelo sr. Capitão Labrincha.

Veem da Terra Nova e trazem cada um 7 mil quintais de bacalhau.

DESASTRE

No dia 30 do pp. precipitou-se na ria, próximo Forte um automovel conduzindo alguns individuos. Felizmente não houve mais que o susto a lamentar.

O carro era do sr. Augusto Vinagre, de Ilhavo.

OBRAS DA BARRA
Chegaram, no dia 31 p.p., ao Forte, dois barcos carre-

gados de madeira dizendo-se que é para as obras da Barra.

O nosso correio

402—Recebemos seu postal. O jornal é posto no correio regularmente.

226—Recebemos sua carta e a importância referida.

62—O seu jornal é posto regularmente no correio. Lamentamos não ter recebido o n.º 60.

99—Recebemos seu postal. Conforme suas ordens o jornal tem ido para a rua N. do S. — Padaria — S. da H.

Ao correr da pena...

Palavras claras

que ficam na escuridão...

Se até hoje a freguesia de Cacia não colheu à sombra duma recente disposição governamental que regulamenta os subsídios a prestarem-se às povoações rurais onde mais se faça sentir a realização de certos melhoramentos de utilidade pública, não é por incuria ou desleixo da C. A. da Junta, pois que o seu zelo administrativo ainda há bem poucos dias edificadamente se patenteou, na obtenção da verba de 10 contos a que oportunamente me referi.

Se tanto trabalho foi preciso dispender-se para se arranjar esses 10 contos, porque não preferiram os membros da Junta o caminho fácil, na obtenção de dinheiro, que o tal decreto lhes veio abrir?

Nesta altura torce a porca o rabo...

Está claro que ninguém de bom-senso vai para Angeja atravessando o campo, agora todo encharcado, quando tem, aqui a dois passos, a Estrada Nacional...

Ninguém me percebe, mas não faz mal. A's vezes gosto de falar baixinho que é para não espantar a caça...

Torna a porca a dar outro nó no rabo...

A água que se bebe em Cacia é das melhores da região.

Tomára-a muitos dos filhos desta terra bebê-la, quando na capital, a torneira deixa cair, no verão, algumas gotas daquela água barrenta da Companhia que eu bem conheço...

O diabo da porca não está quieta!

Com o conserto que se está realizando na estrada que liga a estrada nacional n.º 8 à estrada de Esgueira a Eixo, através os logares da Quintã e de Taboeira, e depois de se reparar alguns buracos que ainda existem noutras artérias da terra de menos movimento, como a rua Marquês de Pombal, a que se refere, no seu justo pedido, a ex.ª sr.ª D. Elvira Portela, digníssima professora oficial, podemos dizer que o povo vai ficando rasoavelmente servido quanto a vias públicas.

Isto, está claro, não falando na estrada de Sarrazola que tem andado em conserto.

Na verdade, o esforço feito

pelos ex.ªs srs. Conselheiro dr. Nunes da Silva e capitão José Afonso Lucas, é digno do maior révelo.

A propósito do primeiro destes senhores, ocorre-me à idéa um caso picaresco.

S. Ex.ª está inteiramente arredado da política; por esse motivo não trata de armazenar o prestígio que tem criado entre o povo com a sua magnífica obra regionalista. Deixa-o andar disperso... até que apareça um político barato a roubar os louros que lhe pertencem!

(Isto é só cá para meia duzia compreender.)

E afinal, a porca, tem estado socegadinha?...

O aspecto das ruas principais de Cacia é encantador: — chalets novos, elegantes, se erguem por toda a parte atestando a forte vitalidade que anima o sangue caciense na labuta pela vida!

Está claro — nem todos podem ser ricos. Por isso lá se vê, aqui e ali, algumas casas de pobres, como em toda a parte, mostrando os adôbes de barro...

Já o dr. Banana dizia o mesmo!

Paciência...; o pior mal é daqueles que não têm dinheiro para costear as despesas da caiação e do rebôco.

Felizes, felizes aqueles que o arranjaram em bom tempo!! E' verdade: a porca?... O rato do animal fugiu, assediado pelas mofscas!...

Não faz mal. Era uma lambona...

Já me ia esquecendo...

A respeito do cemitério não andar bem cuidado, já no último número deste jornal, chamei para o caso a atenção da digna C. A. da freguesia.

Pondere-se o cumprimento do dever ao guarda desteixado. Se a Junta paga, como paga, a um homem, para cuidar do Cemitério, não é admissível que o Cemitério não esteja limpo.

Chame-se a capitulo o guarda desteixado, fazendo nossas as palavras do patrão do seu hermano.

E a porca? Foi... um ar que lhe deu...

RAÚL CONDE.

À MINHA MÃE

No Templo de Amôr onde aprendi a bem amar,
Em longas noites, no bercinho, a ouvir cantar
A minha Mãe, bom coração sem ter senões,
Que lindo Altar fui levantando em orações!

Que largas noites, já dispersas e esbatidas,
Minha boa Mãe, me fez passar de mãos unidas,
Balbuciando, meigamente, «avé-marias»:
P'ra Deus nos dar pãosinho alvo em todos os dias!

Mas se o mundo é todo êle um triste desengano
P'ra que foi, Mãe, tanto trabalho e tão insano?
Se me lançasses à rua como um mau ladrão...
Talvês me visses hoje um rico felizão!

Assim, no meu coração, só encontras dôr
E um lindo cofre de Bondade e Santo Amôr —
Preciosa herança dêsse Amôr tão verdadeiro
Qu' esquecerei jãmais, Mãe, no adeus derradeiro!

.....
Noites serenas tão saúdosas que eu reavivo,
A torturar meu coração, nobre e ativo!

Quintã de Lour., às 5 de 14 de Nov.º de 31

RAÚL CONDE.

ECOS DA SOCIEDADE

ANOS

Fez anos, em 9 do corrente, o nosso amigo, sr. Manuel Simões Pereira.

ESTADAS

Esteve cá, de visita, a sua família, o sr. dr. Manuel Augusto Simões Carrelo.

— Também esteve, há dias, em Cacia, o sr. dr. Armando Rodrigues Simões.

— Encontra-se em Taboeira o amigo sr. João Maria Pereira Felix, acompanhado de sua esposa e filhos.

— De visita a seus filhos, encontra-se na capital o sr. Domingos Durão.

— Vindo da America do Norte também se encontra na sua casa de Sarrazola, o nosso prezado e velho amigo sr. Angelo Ribeiro de Moraes.

CHEGADAS

Regressaram da Torreira os amigos srs. José S. Miranda e seu sobrinho João Rodrigues Neta; José da Silva e família, José M. F. Portela, Americo de

Azevedo e família e Alberto de Azevedo e família.

PARTIDAS

Para Lisboa o sr. Manuel Maria Maia, e para a Golegã, acompanhado de sua esposa e filha o sr. Manuel Pereira Felix.

DOENTES

Encontra-se doente, em Paços de Brandão, o sr. José Maria Gonçalves de Faria.

— Também se encontra enferma a mulher do sr. Bernardino Vieira, mãe do nosso assnante sr. José Vieira Ferreira. Desejamos as melhoras.

CASAMENTOS

Tcve lugar no último domingo como antecipadamente anunciamos o casamento da simpática menina Maria da Luz Nunes Quinta, filha do nosso amigo sr. Benjamin da Rocha Salgueiro, da Quintã, com o sr. Manuel Gonçalves Júnior, da Quintã do Gato.

Após as cerimónias, religiosa e civil, foi servido um lauto banquete aos convidados em numero de 70.

Aos noivos que são dignos das maiores venturas desejamos um futuro perene de felicidades.

Artur Fernandes

Lindos romances

A assinatura

Sempre em distribuição livros modernos

Agente de Publicações

(Prêsa) — Aveiro

Corôas e urnas funerárias

Ninguém compre sem ver os baixos preços do maior e mais antigo depósito de URNAS do districto. Só vende BARATO

a Casa Leitão de Estarreja

de fazendas, chales, cazemiras, sedas, moaas, artigos de bordar, figurinos, sombrinhas, calçado, gramafones e discos, etc.

Restaurant Floresta

Este modesto restaurant tem por divisa bem servir os seus estimados clientes. E' o que mais barato vende.

Recomenda-se pelos bons vinhos brancos e tintos

E' o que apresenta sempre o melhor e mais variado peixe, e a esplêndida CALDEIRADA

A «Ginginha de Lisboa» tambem aqui se vende sendo por excellencia um aperitivo estomacal e o maior reagente contra a GRIPE

Joaquim Simões Birrento

LARGO DA ESTAÇÃO

AVEIRO

Louças

para as maçaças

na

Fabrica de Angeja

(em frente do Chafariz)

Lá vende-se de tudo pelo preço que se vende aos revendedores.

Vêr para crer

VERMIFUGO LAXATIVO LUSITANO

Este medicamento absolutamente inofensivo, quer em creanças, mesmo de tenra idade, quer em adultos, é d'um efeito seguro e rápido na expulsão destes vermes intestinaes, bem como na destruição dos germens que os reproduzem.

Preparador e depositário:

Farmácia Lusitana

CACIA

PADARIA

Trespasa-se uma bem situada. Cosedura 90 quilos de farinha em pão pequeno, e 30 quilos de borã. Motivo desavença na sociedade. Para tratar na mesma. RUA DO GRAVITO AVEIRO

Fábrica de pirolitos gazosas e laranjadas. Grande depósito de licôres e vinhos finos. Depositários da cerveja «Portugália». Torrefação e moagem de cafés a vapor

A INDUSTRIAL de Manuel Tavares de Souza & F.
Rua de Sá AVEIRO

A ZULEJOS

Azulejos artísticos e decorativos — A maior perfeição em todos os estilos — Cópias fieis de: monumentos, assuntos históricos, paisagens, etc.

FABRICA

— DA —

FONTE NOVA

— DE —

Manuel Pedro da Conceição, Filhos

(Firma registada)

AVEIRO

PORTUGAL

Premiada em diversas exposições nacionais e estrangeiras — Grande Prémio na Exposição do Rio de Janeiro de 1922 (Casa Fundada em 1882)

Este número foi vizado pela Comissão de Censura

porta une, de ora em quando, se sente mover como se misteriosa mão lhe estivesse imprimindo estranhos movimentos a fim de nos intimidar...

— Apareça quem está aí, — grita desvairado Evaristo — se não...

Seguem-se alguns instantes de horrorosa expectativa. Mas nem um leve gemido vem franzir o ambiente pesado e lúgubre que nos envolvia e nos torvava a luz da rasão.

Eu permanecia extático, absorto em tenebrosos pensamentos, ao lado de Evaristo que eu olhava como um cavaleiro medieval, bravo e generoso!

Evaristo, alucinado, desprezando o perigo que eu presentia atrás daquela enigmática porta, avançou. Não tive forças para o deter. Segui-o automaticamente, como soldado a quem o comandante guie no meio do fragor da batalha.

Um pontapé brutal dado por Evaristo fez a porta rodar, sinistramente, sobre os gonzos de madeira.

Penetraram nossos olhos na escuridão donde saia um pestilente cheiro a mófo e a fedorencias recosidas pelo tempo.

A lampada eléctrica investiga, devassa, rompe o negrume daquêl covil..., e põe a nú farrapos velhos, um montão de caqueiros e duas desmanteladas arcaas.

O silêncio continuava a reinar neste ambiente de miséria. Eu, mudo, perdida a faculdade de raciocinar, tinha, espiritualmente, delegado em Evaristo, toda a minha personalidade. Estava ali porque ali estava Evaristo. Por vezes, de soslaio e instintivamente, olhava o postigo, sob a impressão repugnante que me causara o liquido mórno escorrendo pela parede viscosa...

O silêncio era de chumbo, pesado, monótono, semelhante a esse fúnebre e triste silêncio que envolve, após as execuções, as masmorras dos condenados.

Assim permanecemos alguns minutos até que um mal abafado suspiro nos veio arrancar daquêl quebranto.

— Quem vive no seio desta montureira? — Interroga em voz profunda Evaristo, de lábios crispados, bôca desmesuradamente aberta num tregeito sinistro de gorila assanhado.

Pelas paredes enegrecidas daquêl sepulcro de vivos escorriam fios de água que o lixo amontoado de há anos nas ripas do telhado transformara num nauseante liquido de sargeta.

servido de esconderijo ao leal Evaristo. Cautelosamente, rodeando-nos de todas as precauções, embrenhamo-nos no cômodo onde encontramos a guarita que um autêntico reposteiro de pequenos arbustos fechava e escondia por completo.

— Não fumes... — recomenda-me êle, metendo-me de novo, no bolso, um Cuf que eu, inadvertidamente, premia nos lábios. — Êle, decerto, não foi para longe, e, por tal motivo, é imprudente, denunciar o nosso refúgio.

No relógio da igreja matriz batem, pausadamente, as três horas. De espaço a espaço, arrastam seu plangente som pela vastidão celeste langorosos uivos de caes...

Não sei que estranha força ali nos prendia. Nossos sentidos, alheados de tudo quanto se passava em redor, apenas buscavam penetrar no pardieiro..., desvendar o mistério donde surdira a «sombra»!

— Olha... — segreda-me Evaristo — aí vem êle, acolá, rastejando, encoberto com a sombra do muro... Dirige-se para o alpendre. Aquilo é que é um patife! Ao vê-lo sinto ganas de puxar pela pistola, eu que nunza fui assassino!

— Deixa-o entrar! — recomendo em voz baixa.

E o certo é que, dali a instantes, a «sombra», negra como a alma dum bandido em frente do cadafalso, desapareceu, escapulindo-se para o interior do pardieiro, donde há poucas horas tinha saído precedendo gritos horrorosos que vieram alterar a placidez que envolvia o meu espirito.

— Já estou mais tranquilo! — desabafa o meu companheiro soltando um «ah» de alívio.

— Não estou eu que adivinho grossa contenda.

Não falharam meus pressentimentos. Afritivos gritos de novo soaram a nossos ouvidos, agitando nossos íntimos que se iam já admiravelmente afazendo àquela reparadora tranquilidade.

— E agora!? — exclama arreliado Evaristo.

— Agora... vamos lá! Tu tens aí uma pistola; com essa arma que eu condeno — como a toda a obra do homem que não é inspirada pelo sentimento do Bem — quer ela seja empunhada por um bandido quer por um agente da autoridade, quer ela sirva para forçar o transeunte descuidado a aliviar a sua magra bolsa quer ela seja manejada por autómato e inconsciente sol-

Manoel Correia Vidinha

COM

Fazendas de lã e algodão—Chales de merino e sêda—
Miudezas e louças de todas as qualidades — Sapatos e
chinelas.

Fabrica de louça vermelha, beirais, tijolos, manilhas, etc.

Praça da Republica (em frente ao chafariz—Angeja

Expediente

Informamos os nossos es-
timados assinantes que a co-
brança feita pelo correio
acresce 1\$00.

Por esse motivo torna-se
mais económico para o assi-
nante mandar satisfazer a
importância das suas assina-
turas.

Pedimos aos srs. assinan-
tes o favor de nos avisarem
sempre que mudem de direc-
ção.

No caso do nosso jornal
não ser entregue regular-
mente é obséquio avisar-nos
para providenciarmos nêsse
sentido.

Todo o nosso conferrâneo
residente em Lisboa que de-
sejar a publicação de alguma
coisa no nosso jornal queira
dirigir-se ao Bêco dos Cléri-
gos, n.º 1.

Na TIPOGRAFIA CA-
CIENSE executam-se todos
os trabalhos concernentes à
Arte Gráfica.

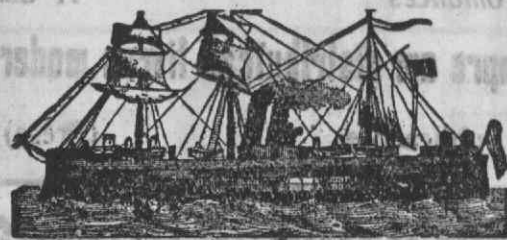
Tem todos os ar-
tigos funerários.

Antonio M. da Cunha

Cacia

AGENCIA COSTA

Passagens



Passaportes

Praça - Estarreja

Esta acreditada Agencia, vende passagens para Brazil,
Argentina, America do Norte, França e Africa e trata de
toda a documentação legal para estes portos.

Responde-se a toda a correspondencia.

Prontidão, Seriedade e Economia

Agência funerária

= DE =

Guilherme Dias Capela



Grande depósito de urnas de mógno
e nogueira americana

Corôas, caixões de chumbo, cêra,
vestidos e mantos

Encarrega-se de funerais

PRAÇA DA REPÚBLICA

ANGEJA

FARMÁCIA ALVES

Angeja

Especialidades farmaceuticas nacionais estrangeiras.
Grande quantidade de produtos químicos, tanto
nacionais como estrangeiros drogas de toda a especie e
principais accessorios.

Execução rapida e perfeita em todo o receituário.

FARMÁCIA LUSITANA

DE

ABÍLIO DE CARVALHO

ESPECIALIDADES
nacionais

PRODUCTOS
químicos

ESTRANGEIRAS

FARMACEUTICOS

R. Conselheiro Nunes da Silva

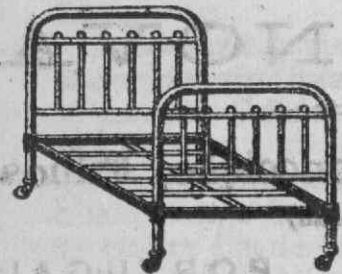
CACIA

Fábrica de Móveis de Ferro
de Avanca

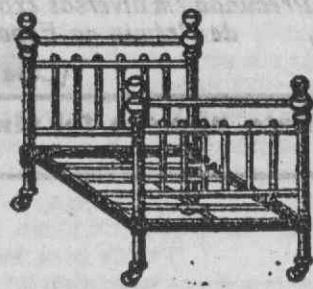
— DE —

Adelino Dias da Costa

A maior produção de móveis



Móveis de ferro em todos os gé-
neros. Os melhores preços.
A maior solidez e seguran-
ça em todos os artigos do
nosso fabrico. Abastecemos
os centros mais populosos.



dado na sustentação fictícia da paz social, com essa arma — re-
pito — vais cometer uma acção boa! Anda daí... vem comigo.

Os gritos sucediam-se. A besta-fera zurzia alguém que, na-
quêlê ermo, decerto, já não esperava por qualquer socorro. Num
supremo desden pelo infortúnio, abandonava-se, numa stoica re-
signação, à tortura e à dôr...

Estas almas penadas que do mundo não conhecem os bri-
lhos nem da felicidade o consôlo, estas tristes almas donde ape-
nas brotam cardos e espinhos, são bem dignas do Resgate!

Decididos a enfrentar o perigo, abandonámos a moita, e di-
rigimo-nos ao alpendre.

Os gritos continuavam a ferir-nos o tímpano do ouvido
como finas setas de aço que misteriosas flechas desfechassem,
simultaneamente, sôbre a nossa pobre cabeça.

Na precinição da entrada, a «sombra», não tinha deixado
ficar bem fechada a porta, que deixava entrever um pedaço do
miserável tugúrio.

Lesta, a mão de Evaristo, ergueu-se empunhando a arma.

— Fôgo! — ordeno eu, convulsionado pelo ódio que tanta
malvadez tinha feito brotar na minha alma virgem de maus sen-
timentos.

Evaristo, impávido, desfechou, e, três balas se cravaram na
madeira carunchosa da velha porta do pardiêiro!

Pregados ao chão lamacento, ali estávamos há bem meia
hora.

Os gritos não mais se ouviram. Uma paz funérea sucedera-
se aos três estampidos!

Aguardávamos uma surpresa, mas ela não surgia a alterar o
curso dos acontecimentos...

— Então, Evaristo, ¿que fazer!?

— Que fazer? — responde o meu amigo. — Resta, para com-
pletar a nossa obra de resgate, entrar ali dentro. Devemos entrar
e vêr com nossos olhos o que estas tristes paredes encobrem, a
miséria em que vive... esta família, se, de facto, isto não é ni-
nho de hiena, mas lar de gente, onde uma partícula da Human-
dade vegeta, talvez, sob o jugo infamante «dêsse» facinora que
as leis deixam ainda arrastar sua vida de crápula por estas tris-
tes e lamacentas vielas! Iluminemos com o nosso facho as som-

brias paredes dêste tugúrio. Levantêmo-lo bem alto para que
com a sua claridade bemfazeja possamos estabelecer a confusão na
nauseabunda sociedade de pestilentos vermes e horrosas lar-
vas que corróem os tecidos e as vísceras dalguns corpos de mi-
seráveis que se arrastam pela lama desta gafaria, e que jámais
sentiram dentro da pleura, pulsar, sereno, o coração, e que já-
mais sentiram no pélagio insondável do «Eu», o suave marulho da
alma, ao aflorar à tona do real, vinda, por divina graça dos di-
tâmes que a Bondade sugere, das profundidades onde se aquieta,
e que jámais deixaram medrar o sentimento do Bem sublinando
as excelências do carácter, e que jámais fruíram o regalo espiritual
que unge apenas os bem intencionados, os que sabem crêr e lutar,
sofrer e viver, em suma, os que sabem a que vieram e donde
vieram! Iluminemos todos esses corpos chagosos, todas essas
almas obscuras...

— Vamos lá! — exclamo decidido pelo arrebatamento com
que falou o meu amigo.

E fomos, e entramos.

Bruxuleava ao canto da lareira, desmoroçada e enegrecida,
onde não crepitava o fôgo efêmero da caruma ou ardia racha de
pinheiro, pálida luz de candeia que a falta de azeite ia gradual-
mente amortecendo, soturnamente emprestando um aspecto de
consumida lamparina a alumiar perdidas «alminhas» nas brenhas
cerradas onde os caminhos, assinalados por repugnantes crimes
de outróra, se cruzam e nos fogem da vista.

Olho para a esquerda, enquanto Evaristo de pistola em pu-
nho, investiga com o seu olhar penetrante todos os cantinhos da
pocilga... e descobro um postigo escancaradamente aberto. Di-
rijo-me, em passo vacilante, para lá, e, ao debruçar-me, sinto que
minhas mãos se sujam num líquido mórno que escorria pela
parede viscosa. Limpei as mãos ao lenço, e interroguei com o
olhar Evaristo. O meu companheiro não deu grande interesse
à minha descoberta, e, com a ajuda duma lâmpada eléctrica, pro-
cedeu a um rigoroso exame ao triste e desguarnecido casebre.
Era êste constituído por uma pequena cosinha, aposento onde
nos encontrávamos. Do lado direito via-se a única porta que ser-
via, além da que dava para o alpendre, êste desguarnecido com-
partimento. Evaristo, resolutamente, avança em direcção dessa